
Memórias de um pateta interplanetário

ÍNDICE

Apresentação 4

Abraços I 7

Encontros 9

Beijos 12

Sexo 13

Os Poetas 14

Abraços II 15

Ouvi dizer 16

All will be full of love 19

Walls will be full of love 21

Rita 23

APRESENTAÇÃO

Estou há tempo suficiente neste planeta para saber que não abona a meu favor a ideia de me apresentar na condição de *pateta*. Ainda por cima, acumulando a circunstância de ser *interplanetário*, isto é, de não pertencer a lugar algum ou — o que vai dar ao mesmo — dividir-me pela sensação de pertencer a vários lugares ao mesmo tempo.

Quando aqui cheguei, apercebi-me rapidamente que ninguém deseja ter o estatuto de *pateta*. Além disso, não *pertencer* ou *não ser* de algum lugar, de alguma comunidade, grupo, classe ou seja lá o que for, é uma condição que apenas é compreendida em certos meios. Sublinho: "compreendida". O que é muito diferente de ser "aceite". Ninguém aceita que não se seja de lado algum ou não se pertença a uma família.

Fui expulso do meu planeta há muito tempo, por razões que apenas poderão ser entendidas se as reservar para depois do relato de uma série de aventuras neste vosso planeta que, acreditem, não tem nada de especial quando o comparo com todos os outros por onde tenho andado.

O motivo que me faz contar essas aventuras resume-se à necessidade de justificar a minha condição de *pateta*. Melhor: a explicar-vos como *gelei* nessa condição e como, afinal, ser *pateta* nada tem a ver com ser idiota ou palerma.

Começar desta forma e com esse objetivo, é o que se pode chamar "começar pelo fim".

Sou *pateta* desde o dia em que uma pessoa maravilhosa me chamou *pateta*.

Dito por ela, como o disse, percebi que as palavras que vocês usam e muitos acreditam *serem duras como pedras*, podem não ter qualquer valor se não lhes juntarmos os olhos e o olhar de quem as diz, a boca e a expressão do rosto de quem as diz, a voz e o tom de quem as diz…

Enfim, ser *pateta*, naquele momento, foi sinónimo da coisa mais comovente e deliciosa que uma criatura pode desejar ser.

Mas esse momento teve também o condão de me fazer recordar o meu planeta. Depois de passar tanto tempo sem ser assaltado por qualquer recordação, foi estranha a forma como fui investido de uma nostalgia que ainda hoje não consigo descrever. Não fiquei triste nem melancólico.

Fiquei suspenso, por uns segundos.

Mesmo fazendo um esforço para me lembrar de todas as palavras que aprendi, elas parecem-me insuficientes para dizer o que realmente senti. Foi como se aquele episódio concentrasse, da forma mais breve e acertada possível, tudo quanto caracteriza o meu planeta.

A minha comoção foi verdadeiramente avassaladora e deveu-se — só pode ser esta a explicação — à simplicidade e à forma genuína como as coisas aconteceram.

Depois de pensar algum tempo no que se passou; depois de rever vezes sem conta aquele som no meio dos olhos daquele encanto de pessoa, entre as faces morenas avermelhadas, percebi que afinal o mais importante que me aconteceu naquele momento, foi ter descoberto que podia ter neste planeta a vida que no meu planeta jamais poderia ter.

Lá, essa possibilidade não só me foi vedada, como trouxe consequências para o meu destino e, como verão, para o vosso.

Decidi, então, que a partir desse dia relacionar-me-ia poeticamente com o vosso mundo. Com a imagem de um sorriso entre parêntesis.

Sempre.

Abraços I

Não foi fácil lidar com a forma como vocês encaram os abraços. Não têm qualquer valor ou, pelo contrário, surgem associados a todo o tipo de sentimentos. São reservados para momentos especiais ou… banais.

É difícil entender.

Abraçam-se porque têm saudades; abraçam-se porque morreu alguém; abraçam-se por ganharam qualquer coisa; abraçam-se porque se despedem; abraçam-se porque se encontram. Enfim… abraçam-se por tudo e por nada.

Para mim, os abraços têm a mesma importância que o ar tem para vocês. No entanto, por mais estranho que vos possa parecer, não existe no meu planeta uma palavra equivalente a "abraço".

Digamos que não precisamos de pensar nem de falar nos abraços. Simplesmente fazem parte de nós. Do mesmo modo que vocês respiram, mas não pensam no ar que respiram, também nós não pensamos nos abraços damos.

Abraçamos.

Simplesmente abraçamos.

Mas há outra semelhança nesta comparação entre o vosso ar e nossos abraços: sem o ar, vocês perdem aquilo que mais estimam: a vida.

Pois eu, sem os abraços, transformo-me numa aberração, numa coisa difícil de descrever, informe, irreconhecível e intratável. Em suma: numa coisa sem vida.

Mas não pensem que se trata de uma morte como vocês a entendem. É antes uma passagem para uma espécie de letargia que me evapora o corpo e me põe a vaguear sem rumo; sem me fixar em qualquer lugar; sem poder contactar e tocar em quem quer que seja.

Como devem começar a perceber, os abraços significam muito para mim. Mas aqui descobri algo que jamais descobriria no meu planeta. Mais importante, ou tão importante do que garantir o meu estado, por assim dizer, normal, é poder abraçar e ter alguém para abraçar que é verdadeiramente fascinante.

No meu planeta, eu não tinha que me preocupar com isso. Nunca pensava se havia alguém para abraçar. Mas aqui, vi a importância que tem a existência do *outro*.

Daí a importância de ter conhecido uma pessoa maravilhosa.

ENCONTROS

Passei demasiado tempo a vaguear por entre as vossas cidades sem perceber como poderia pertencer ao vosso mundo. De dia para dia, esta coisa que vocês dizem ser o meu corpo parecia evaporar-se. Estava ao mesmo tempo no Norte e no Sul, no mesmo lugar em tempos diferentes ou sentia frio e calor ao mesmo tempo e não fazia a menor ideia de como poderia contrariar este estado de imperfeição.

Deve ter sido o sussurro de um poeta do meu planeta que chegou até mim, viajando pelo universo, que me disse que me devia dedicar a observar apenas o que de melhor vocês têm e são capazes de fazer. Ignorei as vossas misérias; as atrocidades de que são capazes; a incompreensível propensão para não se compreenderem e darem mais valor ao que vos magoa do que ao que constrói os vossos sorrisos. Se soubessem como são maravilhosos quando sorriem! Quando os vossos olhos brilham de alegria! Foi pelo prazer de vos ver assim, que pensei que mais facilmente me aceitaram entre vocês.

Nos primeiros tempos tudo me parecia confuso. Nada se assemelhava ao meu planeta. Vi pessoas que se sentiam felizes, por estarem sozinhas a caminhar à beira mar. Vi pessoas horrorizadas pela solidão que sentiam, mesmo estando no meio de multidões. Vi pessoas perdidas à procura de alguém, de quem quer que fosse, sem ninguém para lhes dar a atenção que pediam. Vi pessoas veneradas por multidões, sem que soubessem explicar tal adoração.

Encontrei nas crianças grande parte do que precisava aprender. Mas o melhor foi ter encontrado adultos que conseguiam manter aqueles traços que construíram quando se estavam a construir a eles próprios. Não resisto a relatar-vos o episódio que finalmente me tornou o que agora sou e que vocês conhecem. Como é normal nestas situações, é provável que não consigam medir a sua

importância real. Ou que a importância que lhe atribuam fique aquém da que realmente teve. Mas arrisco.

Uma parte de mim estava num banco de jardim. A outra andava a caminhar sem rumo ao longo do mesmo caminho onde estava esse banco. Era Domingo quando parte de mim se sentou no banco de jardim. Era Sábado, quando a outra parte andava a vaguear. Sei que para vocês é difícil compreender que, embora em dias separados, este episódio diga respeito a um único momento. Para mim esta situação não tem nada de particular, uma vez que trago o *tempo* comigo.

Aconteceu então, no Domingo, que uma criança parou diante de mim e "olhou-me nos olhos", como vocês dizem. A mãe da criança não percebeu porque motivo estava ela ali parada a olhar para um banco vazio. Chamou-a duas vezes pelo nome.

Nada.

Não deu qualquer atenção à mãe.

Entre os dois apelos da mãe, ela lançou-me um sorriso como ainda não tinha visto. Um sorriso único. Um sorriso tal, que achei que jamais voltaria a ver. Como se isto não bastasse para confirmar que ela me estava a ver, inclinou a cabeça ligeiramente, sorriu novamente e levantou o braço como se estivesse a pedir-me para a acompanhar. Eu limitei-me a corresponder com o meu sorriso. Senti pela primeira vez a sensação de que o vosso mundo aumentou infinitamente de dimensão e a força da gravidade não me deixou fazer mais do que o sorriso.

A seguir, no Sábado anterior, quando a outra parte de mim andava a vaguear naquele caminho, cruzei-me com uma pessoa adulta que, ao

longe, começou a sorrir e a inclinar a cabeça ligeiramente. Quando chegou perto de mim, levantou o braço e disse-me: “anda”.

Como eu fiquei parado, abraçou-me e segredou-me aos ouvidos que entretanto ganhei: “sim, sou eu”.

Foi assim que me transformei no que hoje sou.

Beijos

É muito engraçada a forma como vocês se beijam. E mais engraçada ainda, é a forma habilidosa como vocês complicam tudo! Têm inúmeros tipos de beijos, embora se possam arrumar em apenas duas grandes categorias: uma das categorias só tem dois tipos de beijo; a outra categoria tem muitos, mas não sei precisar quantos. A primeira categoria é a dos "beijos na boca". A outra categoria é a dos "beijos que não na boca".

Pois bem, no meu planeta só há uma categoria de beijos. Na verdade é um gesto que não tem nome, como a maior parte das coisas no meu planeta. Mas posso assegurar que é a carícia que mais se assemelha aos vossos beijos.

Tem a condicionante de estar reservada aos que têm olhos da mesma cor. E como é? Encostamos o mais próximo que podemos o olho esquerdo de um, com o olho direito do outro, e piscamos de maneira a que as pestanas batam suavemente umas nas outras. Por vezes fazemos isso juntando um abraço, mas isso só serve para garantir que não nos desequilibramos. Desenganem-se se por acaso pensam que juntando o abraço ao pestanejar resultaria no equivalente a um dos vossos beijos na boca.

SEXO

Se vos parece intrigante o modo como nos "beijamos" no meu planeta, o que dizer ao equivalente do vosso "sexo". Como seria de esperar, vi que vocês se empenharam, também neste domínio, em complicar as coisas. Não só porque o sexo pode ser encarado como fiel ou infiel, mas sobretudo porque fizeram depender a vossa reprodução dos mesmos gestos. Nós separámos isso.

O máximo de prazer que conseguimos produzir com o nosso corpo ocorre quando, somando aos nossos beijos, pegamos com a mão esquerda a nuca do nosso parceiro até que comece a suar. Pode levar horas do vosso tempo. Mas os prazeres que sentimos são indescritíveis.

Por sua vez, a maneira como nos reproduzimos é da maior simplicidade: juntamo-nos em grupos de trinta e três, abraçamo-nos e ficamos assim até que nasça um de nós. Nunca se sabe se há mais do que dois progenitores. Nem se sabe sequer quem são os progenitores. Como no vosso caso, estamos nesse estado durante o tempo equivalente a nove meses.

Os Poetas

No meu planeta, os poetas têm de escrever os seus textos com canetas especiais, com uma tinta incolor equivalente às vossas lágrimas. Comparo essa tinta com as vossas lágrimas, porque também ela brota de nós. Com sofrimento, diga-se. Para ficarem com uma ideia do apreço que temos pela poesia, tenho que vos dizer que essa tinta corre nos rios do meu planeta. Rios cujas fontes são — nem mais nem menos — os poetas que choram a tinta com que escrevem.

São eles, pois, que mantêm o caudal dos rios.

Foi por me recusar a chorar a tinta com que poderia relacionar-me poeticamente com o meu planeta, que fui expulso.

ABRAÇOS II

Eu não tenho idade. Quer dizer, a minha existência não se mede pelo tempo, tal como vocês o medem. Por comparação com as vossas idades, posso dizer que sou mais novo ou mais velho, consoante consiga ter mais, ou menos amigos e, mais importante, consoante consiga dar mais, ou menos abraços.

Talvez devesse ter explicado logo esta minha característica. Talvez assim percebessem a importância de ter encontrado alguém que garante a minha existência, por assim dizer, jovem.

Ouvi dizer

…que o amor é uma doença quando nele julgamos ver a nossa cura.

Estava a ouvir música na rádio. A seguir começou a cantar uma rapariga islandesa. Uma música arrebatadora que dizia *all is full of love*. Ouvi vezes sem conta esta canção belíssima, de uma cantora islandesa belíssima, com uma voz belíssima.

De cada vez que ouvia a música os meus olhos brilhavam em tonalidades diferentes de castanho e verde. A dada altura esse brilho começou a misturar-se com um sorriso sempre acompanhou sempre que estava a preparar as travessuras a que vos habituei.

Quando a primeira lágrima caiu na mesa peguei num bloco de folhas e, armado de uma caneta como se fosse a arma de amor mais eficaz, decidi espalhar amor pela cidade. Para isso infiltrei-me no sistema de transportes urbanos e passei a ser um utilizador compulsivo de tudo quanto fosse transporte público urbano.

Escrevi a bom escrever umas onze folhas. Na verdade, os textos eram todos iguais e eram cartas de amor. Só uma era diferente. As restantes eram cópias nas quais apenas mudava a primeira frase:

"*Querida Júlia, sei agora que o nosso encontro não pode ter sido o último*."

"*Querido Mário...*; *Querida Amália...*; *Querida Celeste...*; *Querida Aurélia...*"

O resto do texto não variava, tendo apenas cuidado com os pronomes, os artigos e o sexo:

"*E venho dar-te razão da forma mais honesta que posso.*

Escrevendo-o.

O meu coração não bate da mesma forma quando estou longe de ti e isso não tem a ver com a minha idade ou com a tua, como ontem chegamos a dizer. Quarenta

e cinco anos, são suficientes para conhecer o meu corpo e a minha alma e me darem a segurança necessária para te dizer que é por amor que quero estar ao teu lado.

Sempre."

Guardei as cartas em envelopes endereçados apenas com o nome das personagens que criei, na esperança de que alguém com esses nomes viajasse em cada um dos autocarros onde os deixei.

Como perceberão, não consegui avaliar se esta travessura foi bem-sucedida ou não. Ainda assim, certo dia, escrevi mais um conjunto de dez cartas. Guardei uma delas num envelope e enderecei-o da seguinte forma: "*Por favor, entregue este envelope ao condutor deste autocarro*".

Nesse envelope ia uma falsa declaração de amor escrita por uma jovem polaca que vivia naquela cidade desde os dois anos de idade. Uma carta que dava conta de uma paixão que foi crescendo ao longo de anos, num autocarro que fazia o mesmo percurso todos os dias. Essa carta era dedicada ao condutor "*mais bonito e simpático*" da rede de transportes públicos da cidade.

A carta não estava assinada.

Depois... Bem, depois corri com o envelope e as outras dez cartas para apanhar o primeiro autocarro que passasse na paragem mais próxima. Antes de mudar de autocarro — e sem que alguém desse conta — larguei o envelope no banco atrás do condutor.

As outras dez falsas cartas de amor, deixei-as uma a uma nos bancos de diferentes autocarros, de diferentes percursos, abertas para que se visse o nome a quem estavam dedicadas.

No dia seguinte apanhei o autocarro que tinha apanhado em primeiro lugar no dia anterior.

Como estava feliz e perfumado aquele condutor!

Como estava simpático para todas as jovens louras e ruivas de olhos azuis ou verdes!

ALL WILL BE FULL OF LOVE

Foram necessários alguns ajustes às falsas declarações de amor para que a cidade — pelo menos, aquela parte da cidade que frequenta assiduamente o sistema de transportes públicos — reagisse em termos comparáveis à do condutor do autocarro. Da linha 38, soube-o depois.

Não se sabe agora — mas saber-se-á mais tarde — que no final do ano, o dito condutor foi laureado com o prémio Simpatia da câmara municipal onde trabalha e que foi a primeira vez que tal aconteceu. Nunca um funcionário da rede de transportes públicos tinha recebido esse, ou qualquer outro tipo de prémio.

As cartas deixaram de ser assinadas. Apenas dirigidas aos nomes que ia ouvindo chamar nas viagens que fazia nos autocarros. A estratégia passou a ser mais próxima da que usei com a carta para o condutor: declarações de amor, é certo, mas também manifestações de embaraço por parte de quem escrevia sem conseguir identificar-se. Em comum, todas tinham algumas referências que davam a entender que tanto o que amava como aquele que era amado andaria pela casa dos 40 a 50 anos. Não só porque são quem mais usa os autocarros, mas sobretudo porque aquelas cartas não podiam ser entendidas como uma espécie de "amizade a arder", como acontece em idades mais jovens. Algumas descrições físicas. Algumas manifestações do prazer que é a maneira de estar do amado, ou da amada. Algumas referências a perfumes, outras a cores, algumas a sorrisos, outras ainda a ares tristes... Não se pense, pois, que isto foi tarefa que tenha realizado sem empenho. Pelo contrário: tornei-me um verdadeiro especialista na problemática dos desejos amorosos nessas idades. Observei incansavelmente todos os parceiros de viagem de autocarro

que me pudessem servir de inspiração, sem que deixar notar a minha intenção. Claro.

Ora, com essas alterações, comecei finalmente a obter os resultados que pretendia.

As conversas nos autocarros mudaram. As pessoas passaram a observar-se de outra maneira. Algumas iniciavam conversas que se tornavam longas, quando o que pretendiam era visivelmente perguntar apenas: "*és tu?*"... "*foste tu?*"... "*sou eu?*"

Entretanto o impacto desta empresa tomou proporções que deixei de poder controlar.

Se bem que, confesso, nunca desejei controlá-las.

Primeiro aconteceu nos jornais locais. Artigos de opinião de autores que antes ninguém lia, passaram a ser lidos porque tentavam criar filosofias sobre o que estaria a acontecer na cidade, querendo tornar concreto algo que, afinal de contas, nem sequer existia, porque nem verdade era. Depois foram os noticiários das televisões. Entrevistas a psicólogos, terapeutas de amizade e amorólogos. Todo o tipo de especialistas das ciências sociais e humanas e nunca um político.

Meses mais tarde, o Instituto Nacional de Estatística anunciou um protocolo com os Correios Nacionais, seguido de um avultado investimento em máquinas que detetavam odores. Isto, porque à evidência de ter aumentado o volume de cartas em percentagens inéditas, pretendeu-se quantificar aquelas que iam perfumadas para os seus destinos, na crença de que essas seriam mais de amor do que as outras.

Certo, certo, é que já não sou eu quem as escreve...

WALLS WILL BE FULL OF LOVE

Chegou às paredes dos edifícios de uma forma que pôs artistas, sociólogos, psicólogos a discutir sobre os limites da noção de arte urbana.

Os grafitos que antes davam conta dos amores de apaixonados alguns metros ao redor das escolas, foram suplantados por materiais de construção que permitiam inscrever nas empenas do edifícios, poemas inteiros por toda a cidade.

Graças a células fotovoltaicas e peças de porcelana com comportamentos mecânicos diferenciados consoante a temperatura e a incidência do Sol, a mesma parede podia revelar quase um livro inteiro de poemas.

As ruas passaram a ser uma espécie de bibliotecas especializadas em poesia, também ela especializada: no amor.

Fiquei divido, no que ao rumo que a minha travessura tomou diz respeito.

Por um lado, feliz. Porque um gesto tão simples teve repercussões bem ao jeito de um "efeito borboleta". E que melhor expressão para descrever esta espécie de demência que chegou a todos e a todo o lado.

Por outro, triste. Porque havia sintomas claros de banalização do meu gesto. Ou se quiserem, as palavras passaram a valer — em muitos casos — mais do que os atos.

Cheguei mesmo a irritar-me ou, pelo menos, a experimentar a sensação que chamam assim.

Um dia fui ao restaurante onde mais vezes vou. Pode dizer-se até que sou um cliente habitual.

Mas estive mais de uma hora à espera da sopa, porque o cozinheiro não deixava sair da cozinha um único prato de sopa que não fosse passada pela varinha mágica e tivesse por cima um poema escrito com letrinhas de massa.

Uma hora!

Semanas mais tarde, começaram os protestos em todas as salas de restaurantes.

Os cozinheiros não abdicavam de impor uma sopa de letras aos clientes. Mas não era esse o motivo dos protestos: os pratos não iam para as mesas sem uma bela frase romântica escrita com massas a flutuar no líquido mais ou menos translúcido das sopas.

Rita

Como já vos disse, a maneira como nos reproduzimos no meu planeta é da maior simplicidade: juntamo-nos em grupos de trinta e três e ficamos assim até que nasça um de nós. Nunca se sabe se os progenitores foram dois, três, quatro ou mais. Aliás, não se sabe sequer quem são os progenitores. Por isso não temos a palavra *pai* nem a palavra *mãe*. Por isso, também só foi no vosso planeta que as descobri e aprendi que uma não existe sem a outra. Aprendi-as com dois de vocês. Com um homem e uma mulher. Aprendi-as com tal vigor que ainda hoje, depois de ter desenhado esta flor no seu aniversário, no dia 14 de março de 2015, não decidi se a estou a segurar para lha oferecer ou se estou à espera que se transforme num balão em forma de coração e me ponha junto do dela, onde sinto que sempre estive.



fim, por enquanto.